




M. J. ARLIDGE

Autor bestseller internacional

**O
ANJO
DA
MORTE**



**O PERIGO ESCONDE-SE
NAS SOMBRAS**

«Vertiginoso, tenso e emocionante.»

THE SUN

**TOP
SEL
LER**

1

Ela avançou depressa, mantendo a cabeça baixa. O corredor, naquela noite, encontrava-se cheio de corpos, mas avançou à força pelo meio deles, nunca olhando para trás. Palavrões e insultos acompanhavam o progresso trôpego dela e, ao dobrar a esquina para a sua ala, sentiu um grande pingo de saliva atingir-lhe a nuca. Por norma, ter-se-ia virado para confrontar a agressora — adorava partir ossos —, mas naquela noite isso não era equacionável.

Faltava apenas um quarto de hora para o fecho e Leah sabia que, se regressasse à sua cela, estaria em segurança. Estivera a repousar no Departamento de Competências, fechando-se numa despensa em desuso, mas, quando a campainha tocou a assinalar o final do convívio, sabia que tinha de se pôr a andar. Por natureza, não era supersticiosa, mas, ao abandonar o seu esconderijo, beijou o crucifixo três vezes, murmurando os nomes dos seus filhos e rezando por sorte. Tinha a sensação de que haveria de precisar.

Sabiam. E agora iam atrás dela. Era só uma questão de onde e quando. A Prisão de Holloway era um labirinto de corredores estreitos e mal iluminados, com inúmeras oportunidades para emboscadas. Leah conhecia o terreno melhor do que a maioria das pessoas — já ali estava há cinco anos —, mas isso não era garantia de segurança. Não quando se é acossada pela matilha.

Assim que estugou o passo, Leah sentiu-se de repente subjugada pelo medo — tinha a forte sensação de que iria morrer ali, no meio da imundície e da miséria. Imaginava-se a sangrar no chão, enquanto as suas atacantes a circundavam, com olhares carregados de ódio...

— Compõe-te, rapariga.

As palavras foram proferidas num sussurro áspero e Leah rechaçou-as abruptamente, censurando-se pela sua fraqueza e estupidez.

Encontrava-se, sem dúvida, em grandes apuros, mas estava perto da sua cela — seria uma loucura deitar tudo a perder agora. Inspirando fundo, emergiu do corredor e, atravessando a estrutura metálica que compunha o átrio, subiu rapidamente as escadas para o nível 2. Avançava com ligeireza, tentando não fazer ruído, mas os passos dela geravam um ritmo metálico abafado. Olhou rapidamente à esquerda e à direita, à espera de um ataque a qualquer momento, mas, para sua surpresa, o caminho permanecia livre.

Na realidade, naquela noite nada parecia sair da normalidade. Ao vasculhar a sua ala com o olhar, Leah viu os velhos rostos do costume, tagarelando e rindo antes da separação forçada para a noite. Toda a gente parecia descontraída, até feliz, e Leah sentiu uma vaga de otimismo. Talvez os seus receios tivessem sido em vão. Uma curta corrida e estaria de regresso à sua cela, sã e salva.

Só precisava de escolher o momento certo.

2

Ela sentiu os olhares a incidir em si.

Era assim desde a sua chegada. Agentes da polícia situavam-se algures entre bufos e assassinos de crianças na hierarquia da prisão, objeto de curiosidade mórbida e de escárnio. Assim sendo, dos átrios, das portas das celas, das escotilhas de serviço, observavam-na. A inspetora-detetive Helen Grace ainda aguardava julgamento, mas já fora condenada pelas suas colegas de prisão, que a rotularam de assassina e pervertida, enquanto aplicavam alguns dos velhos castigos à moda de Holloway. Na fila da frente, estava a mão-cheia de agressoras violentas que a própria Helen afastara — para elas, vingar-se da polícia caída em desgraça era tanto um dever como um prazer.

A única folga que tinha na irritante dose diária de insultos triviais e violência fortuita ocorria durante as horas de trabalho — as prisioneiras sabiam que não era boa ideia destabilizar o quotidiano pacato da prisão —, mas mesmo neste aspeto havia poucos motivos para gáudio. As tarefas eram distribuídas pelo pessoal da prisão e o agente destacado para Helen — um sádico corpulento chamado Campbell — retirava grande prazer em atribuir-lhe as tarefas mais desagradáveis. Casas de banho e chuveiros, desperdícios médicos, roupa suja e, pior do que tudo, limpeza da cantina.

Era sempre uma tarefa penosa, mas aquela noite revelara-se particularmente severa devido à confusão deixada por Lucy, uma mulher que agora vivia como homem, mas que ainda assim cumpria a sua pena em Holloway, pois biologicamente tratava-se de uma pessoa do sexo feminino. Odiava o lugar e travava uma tortuosa batalha legal para ser transferida para uma prisão masculina. As suas colegas de prisão sabiam disto e adoravam provocá-la, recusando-se a chamá-la pelo nome que escolhera: Michael. Sem surpresa, naquela noite as coisas voltaram a

descontrolar-se e na rixa que daí resultou foram trocados diversos golpes. Lucy veio mais tarde a vomitar quando estavam a segurá-la, fazendo com que a operação de limpeza de Helen se tornasse ainda mais desagradável.

Helen estava precisamente a terminar a tarefa, preenchendo os derradeiros minutos antes de tudo ser fechado, quando ouviu alguém aproximar-se. Mesmo sem olhar para cima, percebeu de quem se tratava. As detidas já tinham regressado às suas alas e, além disso, o passo lento e ponderado era inconfundível. Ergueu o olhar e viu Cameron Campbell aproximar-se, deixando atrás um trilho de pegadas no chão acabado de esfregar.

— Falhou-te aqui uma parte — disse ele, apontando para as suas pegadas.

— Desculpe, senhor — reagiu Helen. — Não volta a acontecer.

— É bom que não. Se há coisa que detesto, é... desleixo no trabalho.

Enquanto falava, ergueu o pé direito, empurrando o rebordo do balde de Helen até este se voltar e espalhar no chão grandes quantidades de água misturada com vômito. Helen observou o avanço da água e depois voltou-se para Campbell, com os olhos rubros de raiva.

— Limpa outra vez — disse Campbell, descontraído, passando rente a Helen. — Quero este lugar a brilhar para a festa de Natal.

Furiosa, Helen dobrou-se para pegar na esfregona e nesse momento sentiu uma forte cotovelada nos rins. Foi tão repentino e violento que lhe tirou o fôlego, e caiu de joelhos, agarrando-se ao rebordo do balde para se amparar. Campbell prosseguiu a sua marcha, não se dignando sequer a olhar para trás, mas as mulheres nos átrios estavam nitidamente a apreciar o espetáculo.

— Olha para a porca com o focinho enfiado na gamela — gritou uma trocista, no que foi prontamente imitada pelas outras.

Helen ergueu a cabeça, recusando-se a mostrar um ar de derrotada, mas tudo o que viu foi uma centena de rostos gozões — a rir, a gozar, regalando-se com o infortúnio dela. Na sua vida anterior, fora uma respeitada agente da polícia — teria lidado com gente como Campbell de forma rápida e decisiva —, mas agora não tinha poderes para agir. Ali, era o alvo de todas as piadas, um acidente à espera de acontecer, um troféu esplêndido para qualquer reclusa suficientemente corajosa para arriscar um ataque.

Até então, sobrevivera, mas quanto tempo persistiria a sua sorte? Encontrava-se cercada por todos os lados por mulheres que lhe cortariam a garganta assim que a vissem, e as autoridades pareciam determinadas a fazer vista grossa à sua situação difícil. Não tinha para onde fugir, não tinha como se esconder, pelo que Helen nunca podia baixar a guarda nem relaxar.

Em Holloway, o perigo estava sempre ao virar de cada esquina.

3

Os passos pararam de repente e Leah olhou de súbito para cima. Mas, alguns segundos depois, a porta da sua cela fechou-se com força e ela ouviu o som reconfortante dos ferrolhos. Deixou-se cair de costas na sua cama, exausta mas aliviada. Naquela noite, a sorte estivera do seu lado. Tirara partido do ocorrido na cantina — Campbell a divertir-se de novo às custas da sua vizinha — para correr de volta para a cela. Os dez minutos seguintes, enquanto aguardavam que toda a gente fosse trancada, foram agonizantes. Mas agora acabara.

A escotilha na porta abriu-se de repente e apareceu um par de olhos. Leah aprendera a reconhecer os olhos que a espiavam e conseguia identificar a que guarda prisional pertenciam. Os olhos de Campbell eram cinzentos e frios, os de Sarah Bradshaw de um débil verde-claro e os de Mark Robins cor de chocolate e amáveis. A este último cabiam as rondas daquela noite. Leah sorriu para si mesma ao ouvi-lo a percorrer a fila, incitando as raparigas a regressarem às celas.

A maioria das mulheres detestava aquela parte do dia. Quando a noite se instalava, eram trancadas sozinhas, apenas com os seus pensamentos sombrios por companhia. Muitas foram negligenciadas em criança, outras foram abusadas e quase toda a gente ali presente se infligiu mal a dada altura da vida. A noite trazia de volta memórias de abandono e solidão, deixando muitas raparigas no limite. Não admirava que a maioria dos suicídios ocorresse depois de escurecer.

Mas Leah não se importava de ser trancada. Já lhe bastava o que passava durante o dia, sempre a tentar evitar problemas, pelo que a noite era o *seu* tempo. Uma altura em que conseguia imaginar-se noutra lugar. Onde conseguia levar-se a acreditar que estava em casa com os seus filhos, Dylan e Caleb. A fazer coisas normais. A ser boa pessoa. A ser mãe.

Muitas vezes chorava ao pensar neles, mas de algum modo as lágrimas reconfortavam-na. Como se o amor deles marcasse ali presença na divisão. Animada com isto, usava o seu tempo a sós para traçar o futuro, planejando como haveria de fazer para estar de novo com os filhos. Estava a cumprir uma pena de prisão perpétua e eram escassas as autorizações para visitas, pelo que tivera de pensar numa forma de contornar o problema.

Corria um risco enorme, mas não havia outra forma. A sua mãe e os rapazes iam visitá-la no dia seguinte e, quando estivesse no centro de visitas, iria exigir ver a diretora. Fizera por *merecer* a sua transferência para a ala melhorada. Dali, talvez conseguisse ser mudada para uma prisão aberta. Seria demasiado ter a esperança de um dia poder até ser libertada?

Leah estendeu-se na cama e puxou o cobertor até ao queixo. O sol estava a pôr-se, o que por norma a descontraía. Mas, naquela noite, sentia-se inquieta e não conseguia acalmar-se. Os rapazes não lhe saíam da cabeça. As risadinhas de Dylan quando lhe faziam cócegas. A delicadeza do cabelo de Caleb. A sensação acolhedora que sentia quando os dois se deitavam na cama com ela de manhã.

Não passavam de recordações, recordações cada vez mais distantes, mas era tudo o que lhe restava. Assim, enroscando-se, perdeu-se no seu passado, na esperança de que o sono viesse.

E, parecendo combinado, as luzes de repente apagaram-se, mergulhando Leah na escuridão.

4

Helen pôs-se à janela a olhar para a Lua. Estava cheia e linda, com a sua luz suave a penetrar na escuridão da cela. Revelava uma divisão de três metros por três e meio, pintada a verde-lima e mobilada com uma cama, lavatório e sanita, todos aparafusados ao chão. Este era agora o mundo de Helen.

Já decorrera bastante tempo desde o fecho das celas, mas era frequente dar com ela assim, preferindo esta vigília solitária ao «conforto» da cama estreita. A armação da cama era velha, o colchão, cheio de altos; além disso, Helen nunca conseguia dormir por causa do barulho. Assim que as luzes se apagavam, começava. Reclusas a chamar umas pelas outras, a chamar pelas mães, a chamar por Deus. Tinha tanto de inflexível como de previsível. Quando os gritos paravam, ouviam-se os gemidos. Quando os gemidos paravam, ouviam-se os choros. E, quando os choros paravam, ouviam-se os bichos.

Um grande rato correu na direção dela na sua primeira noite, passando precipitadamente por cima da cama antes de desaparecer no meio dos tijolos. Foi um de muitos que achavam que mandavam ali. Moscas-varejeiras rondavam noite e dia a sanita, partilhando a pequena cela com as baratas que emergiam depois de escurecer. Nas primeiras vezes que Helen detetou estas últimas a passear rapidamente pelo chão, pisou-as. Mas, vendo que cada vítima era rapidamente substituída por outra, desistiu. Também ali estavam enclausuradas, por isso decidiu viver e deixar viver.

Agora passava as horas noturnas a vê-las entretidas nas suas vidas, antes de o cansaço acabar por levá-la a deitar-se. As horas que se seguiam ao encerramento das celas eram para Helen as mais complicadas, quando o horror da sua situação se fazia sentir. Parecia impossível, mas ali estava ela agora em Holloway — a prisão que fora o lar da sua

irmã depois de esta ter assassinado os pais de ambas. Umas quantas condenadas a prisão perpétua ainda se lembravam de Marianne, falando com admiração da sua inteligência e perspicácia, e com um pouco menos de simpatia da violência que lhe era associada. O filho dela, Robert Stonehill, assassinara três pessoas de forma a incriminar Helen, daí ela agora passar os seus dias na companhia de mentirosas, ladras e homicidas.

Pegando num pau de giz que estava no peitoril da janela, Helen atravessou o quarto e traçou uma linha na parede junto à cama. Era uma de muitas, numa fila comprida e ordenada — Helen marcava religiosamente a giz cada dia de encarceramento. Até agora, sobrevivera 46 noites atrás das grades — se aguentasse mais 50, era sinal de que chegaria ao julgamento. Era isto, e só isto, que a fazia aguentar.

Helen ainda esperava provar a sua inocência em tribunal, embora soubesse que isso seria complicado. Robert fora minucioso — plantando o ADN dela nos locais do crime, matando em noites em que Helen não dispunha de álibi e levando-a a mentir a colegas agentes em relação à sua ligação pessoal às vítimas. As suas mentiras foram expostas e, depois disso, a caída em desgraça revelou-se rápida. Não havendo prisão feminina de categoria A em Hampshire, acabara ali. A única aliada que lhe restava, a sargento-detetive Charlie Brooks, empenhava-se em tratar da sua libertação, mas que hipóteses havia? Robert parecia ter desaparecido da face da terra.

Todos os dias Helen dizia a si própria para ser otimista, para ter fé no sistema de justiça criminal. Mas todas as noites novas dúvidas se instalavam e Helen começava a temer a possibilidade de ficar definitivamente enclausurada em Holloway. Seria possível tal injustiça? Poderiam as pessoas ser assim tão enganadas?

Em alturas como estas, Helen sentia-se como se todo o mundo a tivesse abandonado. Era uma pária, privada de companhia e de compaixão. Helen sempre fora uma pessoa muito recatada, mas mesmo assim o isolamento ali era esmagador. Não havia ninguém em quem pudesse realmente confiar, ninguém, e, conforme provava o desfile noturno de ratos e insetos, os únicos detidos desejosos de passar tempo com ela eram os bichos.

5

Leah despertou, esbaforida e assustada. Estivera de novo a sonhar. Desta vez estava ser perseguida ao longo de um corredor que parecia não ter fim. No sonho, não fazia ideia do seu destino nem de quem fugia. Sabia apenas que, apesar de todo o seu esforço, estava a ficar cada vez mais lenta. Quando olhou para baixo, espantou-se ao verificar que não tinha pernas — não passava de um tronco flutuante, agarrando-se ao ar, em desespero, para escapar aos perseguidores.

Enterrou o rosto na almofada e expirou. O seu pesadelo revelara-se tão realista que tinha o coração aos pulos e uma fina camada de suor colada à testa. Afastando os pensamentos sombrios, começou a enroscar-se no cobertor, determinada a aproveitar umas horas de sono antes que o dia começasse. Mas, ao fazê-lo, ficou paralisada. O cobertor recusou mexer-se e Leah percebeu que a respiração ritmada que conseguia ouvir não era a sua.

Encontrava-se alguém sentado aos pés da cama. Leah cerrou os olhos, rezando para conseguir expulsar aquela visão sombria, mas mesmo assim o som da respiração impôs-se. Inspiração, expiração, inspiração, expiração. Leah quis gritar, mas permaneceu em silêncio. Sabia que o que fizesse nos minutos seguintes determinaria se viveria ou morreria.

Fazendo-se de morta, poderia conquistar mais algum tempo; e, virando-se aos arrancos como se dormisse, enfiou o braço direito sob o corpo. Estava agora escondido, e lentamente deslizou a mão na direção da almofada. Era onde guardava a sua navalha — uma faca improvisada feita com uma lâmina de barbear e um cabo de escova de dentes. Já lhe salvara a vida em mais de uma ocasião e agora agarrava-se, grata, a ela. Só que não estava lá. Deixando de parte todas as cautelas, tateou freneticamente, cobrindo cada centímetro do colchão gelado. Mas, enquanto o fazia, uma voz ponderada disse:

— Estás à procura disto?

Leah não queria, mas não conseguiu evitar: virou-se para ver quem falara. A cela trancada estava às escuras e envolvida por sombras — não era capaz de distinguir o vulto sentado aos pés da cama, mas conseguia ver a sua leal navalha naquela mão, a sua lâmina letal a cintilar ao luar.

6

Temos um ataque com faca. Ferimento com intenção de matar. Quem quer pegar nisto?

A voz da inspetora-detetive Sanderson encheu o gabinete da Equipa de Incidentes Graves. Apesar da hora madrugadora, a sala encontrava-se repleta — com alguns rostos familiares e outros novos. Deu-se uma pausa — quem necessitava de outro caso? — antes de a detetive Lucas dar um passo em frente, impondo-se a Edwards.

— Eu trato disso — disse ela, animada. — Alguma coisa fora do vulgar?

— Uma briga num *kebab*. O perpetrador alega autodefesa, mas a mim parece-me tentativa de homicídio.

— Não me ocorre um caso melhor para um vegetariano.

Os modos de Lucas foram jocosos, mas a rapidez com que pegou no seu distintivo e na bolsa desmentiram o tom. Muita coisa mudara no 7.º andar desde que Helen Grace fora detida. Toda a equipa admirava a sua líder inspiradora — incluindo Sanderson — e a sua queda afetara-os a todos. Já há tanto tempo que liderava a Equipa de Incidentes Graves que levaram algum tempo a habituar-se a ver outra pessoa no seu gabinete. Ainda assim, Sanderson já estava a sentir-se mais à vontade no seu novo papel e encarava o desejo de Lucas de agradar como uma prova dos progressos obtidos. Talvez houvesse vida depois de Helen Grace. Sanderson achava ter feito mais do que o suficiente para merecer a sua promoção, tendo progredido na complexa investigação do comportamento criminoso da sua antecessora com rigor e tato. Mas ainda assim fora um choque quando o detetive-superintendente Gardam lhe comunicou que iria ser a nova inspetora-detetive. Jonathan Gardam, no entanto, fora animador, incitando-a a reformular a equipa à sua própria imagem. Isto fora em parte para encorajá-la, mas

também uma tentativa de reparar alguns dos danos causados pela detenção de Helen. A reputação da Polícia de Hampshire fora fortemente abalada, no seguimento da revelação de que tinham uma assassina no seu seio, e Gardam pareceu determinado a retificar a situação. Sabia que Sanderson era uma rapariga certinha — facto que, sem dúvida, teve algum peso na sua promoção.

Previsivelmente, a única pedra na engrenagem era Charlie Brooks. A sua lealdade para com Helen era inabalável e o facto de Robert Stonehill ter estado em Southampton na altura dos infames homicídios sadomasoquistas serviu apenas para reforçar a sua crença de que Helen era inocente. Na realidade, não havia uma única prova que o ligasse aos homicídios, mas isso não fez diferença — Charlie estava obcecada com Helen e em mais de uma ocasião Sanderson teve de repreendê-la por falta de concentração.

Passando os olhos pela sala, Sanderson ficou desiludida ao constatar que a cadeira de Charlie se encontrava vazia. Não ligara a avisar que estava doente, não fora destacada para outro local e sabia que não deveria faltar sem permissão.

O que lançava a questão: onde é que estava?

7

— O lhe bem e diga-me se o reconhece.
O velho lojista inclinou-se sobre o expositor de doçarias e pegou na fotografia que se encontrava na mão estendida de Charlie.

— O que é que ele fez?

— Agressão, maus-tratos, furto. Espancou praticamente até à morte o dono de uma loja de tapetes para levar o que estava na caixa. Pode acontecer a qualquer um, por isso, por favor, não se apresse.

A mentira estava tão ensaiada que jorrou facilmente da boca de Charlie.

— O tipo tem mau aspeto, não tem?

— Sem dúvida — prosseguiu Charlie. — Achamos que mora por perto, por isso talvez tenha dado aqui uma saltada à procura de tabaco e cerveja.

Ele examinou a fotografia com atenção. Charlie não abriu a boca, impaciente por uma resposta, mas determinada a não lhe perturbar a concentração. Seria provavelmente o quinto lojista que sondava nas últimas semanas e começava a achar que andava às apalpadelas.

O homem na fotografia era bem real — Robert Stonehill —, mas o crime pelo qual era procurado era completamente fictício. Não havia nenhum dono de loja de tapetes nem agressão, e Charlie sabia que, ao inventar um incidente policial, violava todas as regras da profissão. Ainda assim, permitia-lhe ter um crime registado no sistema, dando-lhe algum tempo para acompanhar o caso. Era uma fraude que não poderia durar muito, iria acabar por ser descoberta, mas não lhe restava outra hipótese.

Uma curta conversa telefónica com Helen bastou para convencer Charlie da sua inocência e desde então procurava provas que ajudassem

à sua libertação. Passara a pente fino as Docas Ocidentais — o centro de operações de Robert estava lá situado —, mas fugiram-lhe as provas básicas que esperara encontrar. A principal equipa de investigação descobrira a marca de uma sola número 43 de uma sapatilha *Vans* no edifício devoluto onde Helen fora detida, mas descartaram-na, considerando-a irrelevante. Charlie, contudo, ficou convencida de que pertencia a Stonehill.

— E então? Esteve aqui? Tem cerca de um metro e oitenta, um tipo pacato, roupas normais, mas sapatilhas caras...

Stonehill trabalhara numa filial longínqua da Wilkinson's durante a sua vaga de assassínios, sob a identidade falsa de Aaron West. Charlie investigara todas as possíveis rotas entre os locais dos crimes até ao seu centro de operações e, armada com uma fotografia e uma descrição recente, bateu as ruas, apontando a minimercados, quiosques e lojas de conveniência. Stonehill era muito astuto, mas não deixava de ser humano. Tinha de se alimentar.

— Lamento, minha querida, não o reconheço.

— Veja outra vez. É muito import...

— Gostaria de ajudá-la, mas ele não passou por aqui.

O tom dele era agora mais duro, apesar de manter uns modos amáveis. Poderia por certo aperceber-se do desespero de Charlie. Pegando na fotografia, Charlie agradeceu-lhe e partiu. Na sua lista havia ainda mais três estabelecimentos para verificar. Poderia, provavelmente, investigá-los antes que a sua ausência levantasse suspeitas fortes. Independentemente das consequências, e por muito deprimente que fosse aquela extenuante demanda porta a porta, Charlie nunca iria desistir.

Pelo menos enquanto uma inocente estivesse atrás das grades.

8

Toca lá a começar a festa.

A voz de Sarah Bradshaw ecoou clara e genuína, enquanto a cela se abria com um zumbido. Os ferrolhos deslizaram e ela puxou a porta pesada. Ignorando os queixumes murmurados vindos de dentro, avançou, destrancando metodicamente cada uma das outras celas da ala. Estava a progredir bem e as suas detidas começavam a emergir. Demasiado estonteadas para discutir, demasiado controladas para resistir, arrastaram os pés para o exterior das suas celas, à espera de uma ordem para avançarem para o pequeno-almoço. Não houve problemas nem desafios. Não admirava que a chamada fosse, para Sarah, a parte preferida do dia.

— Toca lá a animar, meninas. Mais um dia no paraíso...

Sorrindo para si própria, Sarah abriu a porta da derradeira cela, antes de atravessar o átrio central para leste. Instintivamente, olhou de relance para trás — era a única agente de serviço naquela manhã graças à redução de pessoal e sabia, por experiência própria, que nunca deveria virar costas às suas detidas. Contudo, para sua satisfação, toda a gente estava a portar-se bem. Grace foi a primeira a sair, como era habitual, e as restantes não vinham muito atrás. As drogadas, as esquizofrénicas e as malucas que cuspiam na cara de uma pessoa assim que se olhava para elas no final do dia estavam calmas como um rato de igreja. Era fantástico o poder da fome.

Assobiando desafinadamente, Sarah seguiu o seu caminho, baloiçando as chaves. Ao chegar ao fim do percurso, voltou-se para observar o seu reino. E então, pela primeira vez, reparou numa falha na fila.

Toda a gente estava presente e em ordem, a não ser Leah Smith. Encontrava-se alojada entre Helen Grace e Rosie Haynes, uma ladra de lojas inveterada e visita frequente de Holloway. Ambas estavam no

patamar, pacientemente a aguardar instruções, mas nem sinal de Leah. Ela não era de desafiar a autoridade, pelo que — na melhor das hipóteses — a sua ausência na fila implicava uma prisioneira doente ou indisciplinada. Na pior das hipóteses, seria um «código preto» — terminologia numa prisão para «tentativa de suicídio».

— Para o patamar, Smith. Nada de deixar estas senhoras simpáticas à espera...

Foi proferido com confiança, mas já se notava tensão na voz de Sarah. Os suicídios eram uma confusão e perturbavam sempre as outras reclusas, tal como o inevitável encarceramento que se seguia.

— Não me faças ir aí buscar-te. Pelo menos se queres comer hoje...

Nada de movimento, pelo que, rodando nos calcanhares, Sarah recuou até ao lado oeste da ala. As outras reclusas começavam a meter-se, propondo soluções escabrosas para o modo como Sarah poderia despertar Leah do seu sono. Sarah ignorou-as, avançando rapidamente pelo corredor diante de Baylis, Cooke e a seguir Grace. Sarah chegou então à cela de Smith e, inspirando fundo, abriu a porta e entrou.

Para seu alívio, estava tudo em ordem. Esperara encontrar lençóis rasgados, sangue no chão e até uma cela inundada. Mas não, Smith estava deitada na cama, tapada da cabeça aos pés pelo seu cobertor.

— Levanta-me esse traseiro, Smith, ou vou participar de ti.

Mas Leah não se mexeu. O medo começou então a imiscuir-se na fúria de Bradshaw. Por algum motivo que não conseguiu identificar, teve a forte sensação de que algo de muito errado se passava naquela cela. Parecia tudo normal, limpo e arranjado... mas o silêncio no interior era estranhamente sufocante.

Fosse o que fosse, Sarah tinha de saber. Por isso, dando um passo em frente, agarrou com força o canto do cobertor e, depois de contar silenciosamente até três, arrancou-o da cama.

9

Cathy Smith puxou o edredão e deu com Dylan e Caleb escondidos por baixo dele. Já há mais de meia hora que tentava apanhar os gémeos de 5 anos, mas naquela manhã estavam atrevidos. Lá conseguiu arrancá-los do beliche, mas fugiram de imediato, escondendo-se primeiro no guarda-roupa dela e depois na cama.

Dessa vez ela não se mostrou misericordiosa. Tendo detetado o esconderijo deles, puxou o edredão e expôs os fugitivos, que se riam como patetas. Tentaram escapar, mas ela estava a postos. Agarrou-os, prendendo um debaixo de cada braço e arrastando-os de novo para a cama. Por um minuto, protestaram, debatendo-se e esperneando e depois, vendo que não havia nada a fazer, fazendo-lhe cócegas sem piedade. Cathy protestou — era uma avó com muitas cócegas —, mas, intimamente, adorava cada minuto daquilo. Apesar de um início de vida muito complicado, aqueles rapazes eram muito afetuosos e carinhosos.

Tinham apenas 6 meses quando a mãe deles se tornou uma assassina. Três, quatro, cinco vezes por dia, Cathy recuava mentalmente até essa noite, imaginando se poderia ter feito algo de outro modo. Talvez, se se tivesse recusado a tomar conta dos rapazes, Leah não tivesse ido àquele bar e visto o inútil do seu namorado com outra rapariga. Teria sido demasiado branda com ela? Demasiado permissiva com as alterações de humor, com a bebida, com os acessos de fúria violentos? Cathy amaldiçoara-se muitas vezes pelos seus falhanços, culpando-se firmemente pela tragédia que lhe bateu à porta. Em outras ocasiões, tentou considerar isso como pura má sorte. Leah não tivera a intenção de matar a rapariga, não se apercebera de que ela estava grávida...

Tantas vidas destruídas num acesso de loucura. Os pais da rapariga destroçados pela sua perda, Leah condenada a prisão perpétua e Cathy a criar os dois bebés, apesar de lhe faltar um homem em casa e um

rendimento estável. Era uma luta diária para suprir as necessidades delas, mas... todos os dias traziam pequenas surpresas, momentos de alegria que faziam com que tudo valesse a pena. Cathy sentia-se exausta, mas, apesar de tudo, nunca amaldiçoou o facto de ter de tomar conta dos rapazes. Afinal, se não tivesse ficado com eles, teriam sido entregues a uma instituição.

Cathy mantinha a família unida. Um dia Leah poderia ser libertada e então todos voltariam a ficar juntos. Até lá, não iria resmungar nem queixar-se. Faria o que fosse preciso e aproveitaria ao máximo as suas visitas pouco frequentes a Holloway. Havia fotografias de Leah por todo o apartamento, mas, na verdade, nada poderia substituir o contacto direto.

Com um olho no relógio, Cathy puxou para si os rapazes e deu-lhes, à vez, um beijo em cada face, dizendo:

— Pequeno-almoço, depois vestir e lavar dentes. E muito depressa, se faz favor.

Os rapazes protestaram, mas Cathy estava preparada.

— Há cereais com chocolate para os bons meninos que são obedientes. Afinal de contas, não vamos querer atrasar-nos para ir ver a mamã, pois não?

Cathy sorriu quando os rapazes desapareceram a correr. Sabia que Leah dependia das suas breves visitas. E, para ser sincera, também ela.

10

Helen avançou por entre a multidão, à procura de um lugar sossegado. Nunca vira tanto movimento na cantina — as reclusas abaladas juntando-se à procura de apoio moral — e não havia um lugar para se sentar, fosse onde fosse. Helen raramente era convidada para se juntar à mesa de alguém, mas por norma havia um lugar perdido que podia reclamar para si. No entanto, naquela manhã os gangues e as fações da prisão tinham saído em grande número, procurando a segurança na quantidade. As que olharam para ela irradiavam hostilidade, até desconfiança, como se a própria Helen pudesse ser a responsável pela morte da sua vizinha de cela.

Agarrando a bandeja do seu pequeno-almoço, Helen deu mais uma volta pela divisão. Foi molestada a cada passo, com cotovelos transviados a darem com as suas costelas, mas finalmente arranjou um espaço. Jordi, uma alegre ex-prostituta, viu-a e mexeu-se para lhe arranjar algum espaço. Helen ajudara a trabalhadora sexual iletrada a preencher o seu recente pedido de liberdade condicional — Jordi tinha filhas adolescentes de quem sentia desesperadamente saudades — e agora eram amigas. Daí o seu ato piedoso.

Helen sentou-se rapidamente e olhou em redor da mesa. Babs, uma mulher de 70 anos a cumprir pena de prisão perpétua, uma espertalhaça com bom coração, assentiu com a cabeça na direção de Helen, dando o seu apoio tácito à generosidade de Jordi. Noelle, uma traficante de drogas exuberante que sempre fora correta com Helen, imitou-a, exibindo rapidamente os seus dentes de ouro antes de regressar aos *cornflakes*. Helen não conhecia bem as outras mulheres sentadas à mesa e contou que se opusessem à sua chegada súbita, mas naquele dia os ânimos estavam muito em baixo. As hostilidades tinham sido suspensas no seguimento dos chocantes acontecimentos da noite — Helen

reparou que ninguém se deu sequer ao incômodo, naquela manhã, de atormentar Lucy.

— Não vais comer? — perguntou Babs, enquanto Helen remexia o seu pequeno-almoço.

— Talvez mais logo — respondeu Helen, apesar de na verdade não conseguir encarar nada.

— Come um pouco. Até ao almoço não vais ter outra oportunidade.

Vagarosamente, Helen pegou na sua torrada queimada, mas, antes de conseguir dar uma dentada, Jordi atacou.

— Ouviste alguma coisa a noite passada?

— Por amor de Deus, Jordi — interrompeu Noelle. — Deixa a mulher comer em paz.

— Só estava a perguntar...

— Nada... — respondeu Helen, para evidente desilusão de Jordi.
— Passei metade da noite acordada, mas mesmo assim...

— E viste alguma coisa? Quando a Bradshaw entrou?

Helen voltou a abanar a cabeça. Quando é feita a chamada, uma pessoa mantém-se na cela e não se move a não ser que lhe digam. Faz parte da rotina embrutecedora da vida na prisão, onde o risco é uma presença constante; mas Helen entretanto lamentou a sua submissão. Tornou-se claro desde que Sarah Bradshaw entrara na cela de Leah que ocorrera algo terrível. Helen escutara o grito contido de Bradshaw, as imprecações rápidas e murmuradas, e depois o guincho estridente da campainha assim que a agente em pânico premiu o alarme de emergência. Campbell, Robins e as restantes precipitaram-se para ver o que se passava, quando foi ativado o fecho das celas. As reclusas furiosas foram mantidas no interior até a cela de Leah ser devidamente selada, deixando Helen às escuras em relação ao sucedido.

«Código preto.» Fora o pensamento inicial de toda a gente, mas os rumores espalham-se depressa numa prisão e a especulação seguiu um rumo mais sinistro. As pessoas diziam que Leah Smith fora assassinada.

Helen não era grande amiga de Leah — a sua vizinha era desconfiada, hostil e dada à violência —, mas a perturbada jovem fora a primeira pessoa que Helen conhecera em Holloway e ela esforçara-se por lhe mostrar como funcionavam as coisas. Tal generosidade face a uma

agente policial encarcerada surpreendera Helen, apesar de mais tarde ter pensado se a profunda impopularidade de Leah lhe espicara as ações. Ela nunca chegara a perceber verdadeiramente o que levava Leah a ser tão insultuosa. Sabia que havia um tipo de ódio especial reservado às reclusas que maltratavam crianças ou bebês, mas a impopularidade de Leah estava tão enraizada que Helen pensou se haveria algo mais em causa. A sua falta de conhecimento — tanto em relação à história de Leah como do seu destino — corroeu-a. Lá fora, poderia ter exigido respostas. Ali dentro, estava tão desinformada como as outras.

— Se ela foi *tratada* cá dentro, não faltam suspeitas — comentou sombriamente Noelle, olhando em redor pela cantina.

— Calma, Noelle. Não te ponhas a atirar pedras — avisou-a gentilmente Babs.

— Mas é verdade, ou não é? Há aqui muita gente com a consciência pesada hoje de manhã.

Helen escutou enquanto Noelle prosseguiu a sua dissecação da política prisional. Jordi pareceu menos interessada, desculpando-se com o facto de ir procurar mais comida, mas Helen estava ávida por ouvir o que Noelle tinha para dizer — mesmo que a maioria dos seus «factos» não passassem de rumores e especulações sem substância. Leah era uma mulher marcada e seria um troféu para qualquer reclusa. Apesar de recentemente se ter tentado limpar, drogava-se e bebia regularmente, o que com frequência levava a que se envolvesse em conflitos com as autoridades e com os gangues da prisão. Cereja no topo do bolo, o seu mau-feito era lendário — pouco tempo antes ameaçara esfaquear um elemento do pessoal da cozinha, por intrujá-la com os feijões cozidos. Era assim a vida e a morte numa prisão.

Noelle continuou a falar, mas naquela manhã era difícil obter informações sólidas. Babs tentou sacar algumas coisas às *Golden Girls* — a pequena capelinha de reformadas à espera do fim dos seus dias em Holloway —, mas voltou de mãos vazias e, para surpresa de todas, foi Jordi — que regressou, sem fôlego e perturbada, da abertura por onde servem a comida — quem finalmente lhes trouxe novidades.

— A Sandra conhece uma rapariga que trabalha no gabinete da diretora — disse Jordi, apontando para a cozinheira volumosa na abertura de serviço. — Ela diz que já foi chamada uma unidade exterior.

Assim sendo, não se tratava de um vulgar suicídio. Helen não teceu comentários, mas sabia que os Serviços Prisionais e de Liberdade Condicional só seriam convocados se houvesse algo de invulgar ou suspeito na morte de Leah.

— Dizem que foi morta na cama e que... lhe fizeram algo. Coseram-lhe a boca. E também os olhos.

Helen olhou fixamente para Jordi, tendo sentido dificuldade em interiorizar as palavras.

— *Coseram-lhe* as pálpebras ao raio das bochechas. Foi assim que a encontraram... de olhos fechados, a sorrir de orelha a orelha...

Noelle permaneceu em silêncio, com Jordi a chorar. Até Babs pareceu abalada e já vira bem mais do que as outras. Helen não revelou o que pensava, mas a sua mente já se voltava para aquele macabro desenvolvimento. Já antes ouvira histórias desagradáveis de justiça na prisão, mas aquilo era diferente. Fez com que se sentisse enjoada e, pelo que se apercebeu, não seria a única — as notícias trazidas por Sandra já circulavam e o ambiente na cantina de repente alterara-se. Por norma, as reclusas eram ruidosas e animadas à hora das refeições. Mas não naquele dia.

Naquele dia, toda a gente parecia aterrorizada.

Era algo horrível de se contemplar. O cobertor esfarrapado estava caído no chão onde Sarah Bradshaw o largara, e logo acima, na cama estreita, jazia o cadáver mutilado de Leah Smith.

Celia Bassett já era a diretora da Prisão de Holloway há mais de cinco anos, mas nada a preparara para aquilo. O rosto de Leah estava pálido como cera, o seu corpo mostrava-se rígido e não se via uma gota de sangue. A por norma irrequieta Leah teria parecido calma e em paz — não fosse pelo ricto estampado no seu rosto brutalizado.

Celia avançou, com as proteções de plástico dos seus sapatos a gerarem um silvo estranho no chão, e obrigou-se a olhar de mais perto. Ficou imediatamente espantada com a cor do fio de algodão — um belo azul-pólvora — e com a destreza da costura. Não era um trabalho perfeito, tendo presumivelmente sido levado a cabo com pressa e às escuras, mas era eficaz, selando a firmemente a boca e repuxando-a nos cantos. As pálpebras também receberam tratamento semelhante, bem cosidas às bochechas de Leah.

— Pelo menos morreu com um sorriso nos lábios — disse uma voz atrás dela, com a sua melodia escocesa impregnada de sarcasmo.

— Cale a merda dessa boca, Campbell, isto não tem piada.

— Com piada ou não, já não é problema nosso...

Celia voltou-se para repreender o seu agente de mais alta patente, mas ele já ia a caminho da porta. Ele era o chefe de segurança dela desde que o anterior partira de surpresa, mas não podia estar menos interessado naquela súbita tragédia. Levou a que o sangue de Celia fervesse — independentemente das suas responsabilidades, Leah Smith era um ser humano —, mas o cinismo cáustico dele não a surpreendia. Holloway tinha encerramento previsto para o final do ano e os agentes que compunham o corpo da prisão já estavam para lá de exaustos, derrubados

pelo stress, insultos e violência diários. A última coisa de que necessitavam era um incidente grave como aquele, que poderia refletir-se de forma muito negativa neles e nas suas hipóteses de uma recolocação decente quando a velha prisão fechasse definitivamente as portas.

E naturalmente que Campbell tinha razão — aquilo já não era problema deles. Ela já alertara o PPS¹ e vinha a caminho um investigador para assumir o comando do que seria agora uma investigação de homicídio. Celia sabia por experiência própria que o pessoal do PPS era impiedoso, meticuloso e decidido, prestando pouca atenção ao contexto no seu desejo de averiguar «os factos». Iria perturbar a vida na prisão, incrementar os níveis de ansiedade tanto nos agentes como nas reclusas e talvez revelar algumas verdades extremamente incómodas.

Celia olhou de novo para baixo para o cadáver, com o coração nas mãos. O sofrimento de Leah cessara. Mas, para os restantes, o pesadelo ia apenas no início.

¹ Prisons and Probation Service, ou seja, Serviços Prisionais e de Liberdade Condicional. [N. do T.]

12

— **P**orque é que não podemos vê-la? Qual é o problema?
Cathy Smith era uma mulher paciente, mas começava a perder a compostura. Nunca era fácil a viagem até Holloway — era preciso lidar com dois autocarros e o metro — e, mesmo quando lá se chegava, as coisas nunca ocorriam à hora. Ela tinha uma série de trabalhos de limpeza e dois rapazes pequenos para alimentar, lavar e vestir — o seu tempo era precioso, mas ninguém parecia dar importância a isso. As horas de visita, que teoricamente deveriam ser inabaláveis, raramente eram respeitadas e, quando se tentava descobrir o que se passava, levava-se em resposta com olhares vazios. Era como se as autoridades também pretendessem punir os familiares, apesar de serem, naturalmente, os inocentes da história.

Já ali estavam há mais de uma hora.

O centro de visitas era um local desolador para os gémeos, apesar de a presença de uma pequena árvore de Natal de plástico os ter animado um pouco naquele dia. Elevou-lhes o moral após uma longa viagem e Cathy sentiu-se tocada pela animada discussão deles sobre o que o Pai Natal poderia trazer-lhes naquele ano. No entanto, assim que os rapazes descobriram que os presentes com bom aspeto sob a árvore eram, na verdade, caixas vazias, começaram as queixas. Por norma, deixava-os brincar com o telemóvel, apesar das lutas que tal gesto causava, mas naquele dia estava sem bateria. Nada parecia correr-lhe bem, por isso, irritada, virou-se pela terceira vez para o rececionista, exigindo informações.

— Pedi que viesse cá abaixo alguém do gabinete da diretora, mas, para ser sincero, estou tão às escuras como a senhora. Não consigo telefonar...

— Uma mão lava a outra — resmungou Cathy enquanto se afastava sem ouvir o resto. Porque é que tornavam as coisas sempre tão incómodas?

Estava a pensar no que seria melhor fazer quando viu Mark Robins a cruzar rapidamente o centro de visitas. Era a forma mais rápida de sair da prisão e ele nitidamente estava apressado, mas Cathy disparou pelo átrio para interceptá-lo. Sempre fora amável com Leah e Cathy, e seria de esperar que desse uma resposta direta a uma pergunta direta.

Robins saltou, como que escaldado, quando Cathy lhe tocou no braço. O agente conversador parecia mudo naquele dia, pelo que Cathy não perdeu tempo.

— Vejo que está com pressa, Sr. Robins, e peço desculpa por me intrometer. Estamos aqui para ver a Leah, mas estamos sempre a ser enganados com desculpas. Não me importo de esperar, mas é por causa dos miúdos...

Por norma, Robins seria lesto a confortá-la, mas agora permanecia em silêncio.

— Se não vai haver visita, preferia saber — prosseguiu prontamente Cathy. — Sem dúvida que os rapazes vão ficar desiludidos, mas não quero mantê-los aqui se não vamos entrar. Podemos regressar noutra altura.

As derradeiras palavras de Cathy aparentemente terão surtido algum efeito e Robins por fim falou.

— Olhe, Cathy, é melhor que fique aqui. Eu ligo lá para cima e desce já alguém para falar consigo.

— Falar comigo? Porque é que haveriam de querer falar comigo?

— É melhor que sejam eles a tratar disto — prosseguiu rapidamente Mark. — Agora tenho de me despachar, mas uma agente de ligação à família não vai tardar a vir ter consigo. Dou-lhe a minha palavra.

— Agente de ligação à família...?

As palavras morreram-lhe nos lábios — Robins já se afastara e dirigia-se à porta. Cathy viu-o partir, tomada subitamente pelo medo. Robins por norma era muito prestável, mas naquele dia parecia incomodado, um pouco assustado até. Que raio se passava? Que se passara com a sua Leah?

Os rapazes riam-se de novo ao fundo, brincando ao Pai Natal com os seus presentes debaixo da árvore. Mas, por uma vez, Cathy não conseguiu olhar para eles. Algo dentro de si já lhe dissera que naquele ano o Natal deles seria sombrio.

13

Avançaram em fila indiana, sempre em passo acertado. As reclusas, chocadas, ainda reagiam à morte brutal de Leah Smith, mas a rotina opressiva da vida prisional nem por isso deixara de se impor de novo. Havia formações, reuniões, exercício e telefonemas, mas, assim que o pequeno-almoço acabou, as reclusas foram despachadas para os duches.

Para Helen, o duche matinal era sempre uma provação. Odiava expor o seu corpo diante de toda a gente e tivera de enfrentar os insultos que choviam sobre ela, enquanto as companheiras se habituavam ao seu corpo cheio de cicatrizes. Pior do que isso, eram os cheiros e as vistas que achava chocantes — reclusas a serem levadas a orgasmos clamorosos pelas suas colegas de prisão; Lucy, a transexual, sempre a protestar, a ser arrastada a espernear e a gritar para os chuveiros no seguimento de outro «protesto indecente»; e até ocasionalmente as tentativas de suicídio amadoras encharcadas em sangue.

Mas naquele dia Helen estava preparada para engolir o seu desconforto, pois tinha uma missão em mãos. Terminado o seu duche, percorreu rapidamente os cubículos, espreitando por entre o vapor como uma *voyeur* desastrada. Ignorando os convites e os assobios que o seu comportamento gerou, Helen prosseguiu pela fila fora até dar por fim com quem procurava. Rosie Haynes estava a terminar a sua lavagem e Helen chegou-se depressa a ela, puxando-a para o lado quando terminava o duche.

— Onde é o fogo? — disparou Rosie, nitidamente irritada por ter sido puxada pela sua colega de ala altamente impopular.

— Não há nenhum fogo, é só uma palavrinha.

Voltaram-se várias cabeças, pelo que Helen puxou Rosie para um cubículo e voltou a ligar o chuveiro. Quase de imediato, o nível de ruído

voltou a elevar-se, com as reclusas a especular sobre os sombrios acontecimentos da manhã.

— Sobre o quê? — ripostou Rosie secamente.

— A Leah, claro.

— O que posso dizer-te? Só ouvi os mesmos rumores que tu...

— Não é a isso que me refiro. Viste ou ouviste alguma coisa a noite passada?

Era um tiro no escuro, mas Helen tinha de perguntar. Era horrível pensar que a vizinha dela fora brutalmente assassinada e profanada enquanto dormia tão perto de si. A cela de Rosie estava encostada à de Leah do outro lado, por isso era possível que soubesse algo.

— Adormeci a dada altura por volta das três da manhã e acordei logo depois das seis. Ouviste alguma coisa nesse intervalo? — prosseguiu Helen.

— Nada de nada.

— Vá lá, Rosie, eu sei que tens dificuldade em dormir...

— Ontem à noite tive sorte, dormi umas boas oito horas.

Foi dito num tom quase triunfal, o que enfureceu Helen.

— E não soubeste nada por portas travessas? — prosseguiu ela prontamente. — Sabes se alguém teve algum problema com ela?

— Estás a falar a sério? — cuspiu Rosie, erguendo a voz. — Aquela vaca estúpida matou uma criança. Enfiou uma faca na barriga de uma rapariga. Disse que não sabia que estava grávida, mas o que corre é que sabia *exatamente* o que estava a fazer. Para ser sincera, surpreende-me que tenha durado tanto.

— Não falas a sério...

— Não? Se queres saber o que acho, a prisão é demasiado boa para pessoas da laia *dela*.

— Então, porque é que tomas o partido dela?

Assustada por uma nova voz, Helen virou-se e deu com Chantelle, uma reclusa cheia de tatuagens pertencente a um gangue, a aproximar-se.

— Sabes alguma coisa que nós não sabemos? — prosseguiu, num tom acusador.

— É claro que não — respondeu Helen. — Estou apenas a tentar descobrir o que se passou na noite passada. A Leah era mãe de dois rapazes...

— É só a ralé a tomar conta da ralé — disse com desprezo outra reclusa, ao juntar-se ao grupo. — É engraçado como vos puseram às duas juntas, não é?

Helen encontrava-se agora cercada, com uma multidão de mulheres semidespidas a rodeá-la, mas recusou-se a recuar. Leah Smith era como muitas das mulheres de Holloway, tinha graves problemas mentais e deveria estar num hospital, não numa cadeia. Mas naquele dia estavam todas muito sentimentais com as crianças. Para as outras prisioneiras, Leah era pura e simplesmente uma assassina de crianças que perdera o direito à vida.

— Mesmo que *tivéssemos* ouvido alguma coisa, achas que te contávamos? — meteu-se de novo Rosie. — Talvez te tenhas esquecido de que já não usas distintivo?

Houve risos e gritos vindos do grupo, mas para Helen já era o suficiente.

— Não se importam que alguém tenha sido assassinado na noite passada? — disse ela de repente, dirigindo o seu veneno diretamente a Rosie. — Era alguém como tu.

— Vai-te foder. Eu não era como aquela vaca...

— Escolheram a cela da Leah. Poderiam facilmente ter escolhido a minha. Ou a tua.

Pela primeira vez, Rosie não teve resposta pronta. A sua expressão era exatamente essa — estava tão assustada como toda a gente.

— Quem quer que tenha feito aquilo entrou na cela dela, matou-a e desapareceu sem deixar rasto — prosseguiu Helen. — O que quer dizer que nenhuma de nós está a salvo.

Helen virou-se para enfrentar o resto das adversárias. As suas palavras pareciam estar a surtir o efeito desejado. A multidão, que pouco antes se revelara tão agressiva, encontrava-se agora em silêncio.

— Por isso, antes de festejarem a morte de uma jovem, pensem *nisso*.

Abrindo caminho pela multidão, Helen dirigiu-se para a saída, observada a cada passo por 30 reclusas preocupadas.

UMA CELA FECHADA. UM CORPO ESCRUPULOSAMENTE MUTILADO JAZ NO SEU INTERIOR...

Helen Grace, até aqui considerada a melhor detetive do país, é acusada de homicídio e aguarda julgamento na prisão de Holloway. Odiada pelas restantes prisioneiras e maltratada pelos guardas, Helen tem de enfrentar sozinha este pesadelo. Tudo o que deseja é conseguir provar a sua inocência. Mas, quando um corpo aparece diligentemente mutilado numa cela fechada, essa revela ser, afinal, a menor das suas preocupações.

Os macabros crimes sucedem-se em Holloway e o perigo espreita em cada cela ou corredor sombrio. Helen não pode fugir nem esconder-se por detrás do distintivo. Precisa agora de ser rápida a encontrar o implacável *serial killer*... se não quiser tornar-se a sua próxima vítima.

«Viciante. O leitor revirará as páginas tão febrilmente quanto um prisioneiro inocente arranha a porta da sua cela.»

DAILY EXPRESS

Do mesmo autor
dos bestsellers
internacionais:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-43-5



9 789898 855435

Thriller